

O MOVIMENTO TIME'S UP NOS MEIOS TRANSMIDIÁTICOS: o feminismo em ação

Rodrigo Loturco (IC) e Valéria Bussola Martins (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

As premiações do cinema do ano de 2018 foram marcadas pelos escândalos de assédio envolvendo o empresário Harvey Weinstein. Com as chocantes denúncias, protestos, como o Me Too e o Times Up, ganharam proporções gigantescas, atingindo diversas cidades e até mesmo outros países. O magnata que foi acusado de assédio, abuso e violação por diversas mulheres, incluindo atrizes consagradas da indústria cinematográfica, tinha sido formalmente acusado, contudo apenas 3 das 87 acusações foram levadas a júri e consideradas crimes. Apesar de ser condenado, o milionário cumpre prisão domiciliar, reforçando paradigmas opressores e patriarcais das leis estadunidenses. No mundo todo, casos e denúncias surgiram. Consequentemente, a imprensa agiu e não foi diferente no Brasil. Levando-se em consideração dados sobre a indústria cinematográfica e sobre os assédios cometidos e estampados em revistas e jornais de todo o mundo, busca-se investigar o papel da imprensa em meio a esse turbilhão, ressaltando os problemas de uma sociedade ignorante em relação ao feminismo e suas lutas e como tal falta de conhecimento e preconceito, mais forte em tempos atuais, acaba influenciando essa realidade.

Palavras-chave: Times Up. Imprensa. Feminismo.

ABSTRACT

The 2018 awards were marked by harassment scandals involving the notorious businessman Harvey Weinstein, and with the shocking allegations, protests like Me Too and Times Up have gained gigantic proportions, reaching out to various areas and even other countries. The man was accused for harassment, abuse and rape by several women, including renowned industry actresses, had been formally indicted for his crimes, yet only 3 of the 87 charges were accepted and considered as crimes. Despite being condemned, the case remains to this day, and the millionaire is under house arrest, reinforcing oppressive of the patriarchal paradigms of American law. In all the world the cases and denunciations appeared, consequently the press acted, it was not different in Brazil. Based on the knowledge of the film industry and of the committed and stamped and scourged harassment and newspapers around the world, we seek to know the role of the press in the midst of this whirlwind, highlighting the problems of

an ignorant society in relation to feminism and its struggles and as such lack of knowledge and prejudice, stronger in current times, ends up influencing the reality.

Keywords: Time's Up. News. Feminism.

1. INTRODUÇÃO

A dificuldade que envolve a compreensão do termo feminismo denuncia o quanto algumas convenções da sociedade estão enraizadas no cotidiano. Lutar pela igualdade de gênero não representa, como muitos julgam, igualar homens e mulheres enquanto indivíduos, mas, sim, enquanto sujeitos sociais (HEYWOOD, 2010).

Contudo, distorções sobre o conceito de feminismo são facilmente encontradas no ambiente virtual, por exemplo. Quem defende o feminismo, portanto, ainda precisa esclarecer que não odeia os homens, que não quer desvalorizá-los e que apenas busca reverter injustiças e um prejuízo histórico. De acordo com Strey e Cúnico (2016), são séculos de desigualdades em relação a grandes figuras masculinas.

Foi isso que aconteceu na história do cinema até recentemente. Todavia, durante o final do ano de 2017, foram levados ao público e à justiça vários casos de assédio moral, verbal e sexual, envolvendo grandes estrelas de Hollywood. Surgia, então, desse aglomerado de denúncias, o movimento Time's Up, a partir do qual as mulheres não só buscam respeito em seus ambientes de trabalho, mas também igualdade de gênero em todas as etapas da vida.

Esse fato foi o estopim para que fossem parar na capa de jornais no mundo todo, grandes cineastas, acusados de assediar artistas que, na época, buscavam ascensão. Este trabalho versará sobre como os meios de comunicação brasileiros abordaram tanto os casos de assédio quanto o movimento Time's Up.

A partir do contexto exposto anteriormente, surge o seguinte problema de pesquisa: quais estratégias de linguagem os meios de comunicação brasileiros utilizaram para tratar dos casos de assédio e do movimento Time's Up?

Apenas dois meses após o lançamento do Time's Up, em 1º. de janeiro de 2018, o movimento de mulheres contra o abuso verbal, moral e sexual e por igualdade de gênero na sociedade e no mercado de trabalho mostrou ação e comprometimento real com a causa. De acordo com dados, de 2018, do portal Deadline, as líderes do projeto já conversaram com cerca de 1.700 mulheres de sessenta áreas diferentes para iniciar o investimento de seu fundo de defesa legal que, atualmente, já chega a 21 milhões de dólares. Portanto, torna-se importante estudar o movimento. Ademais, as mulheres têm ganhado cada vez mais voz na sociedade e no mundo do trabalho e o Time's Up fortalece tal mudança, transformando esse estudo mais do que relevante.

Os objetivos desta pesquisa delineiam-se em objetivo geral e objetivos específicos. O objetivo geral é detectar quais são as estratégias de linguagem utilizadas pelos meios de comunicação brasileiros para tratar tanto dos casos de assédio quanto do movimento Time's Up.

Como objetivos específicos, destacam-se: produzir um breve histórico sobre o feminismo; investigar o contexto em que ocorrem os casos de assédio no cinema estadunidense; analisar as estratégias de linguagem utilizadas pelos meios de comunicação brasileiros para tratar dos casos de assédio e do movimento Time's Up e investigar o posicionamento discursivo-ideológico dos meios de comunicação brasileiros para tratar dos casos de assédio e do movimento Time's Up.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

O jornalismo tem o intuito de levar até as pessoas a informação, sempre calcado na imparcialidade e no comprometimento com a apuração dos fatos. Por esse motivo, é tão importante a cobertura dos acontecimentos quando um assunto tão sério invade a casa das pessoas, como ocorreu com o movimento Time's Up.

Tendo em mente que o feminismo exerce fundamental base para que o movimento funcione e evolua, é necessário também entender sobre seu conceito.

O movimento que busca igualdade definitiva em diversos aspectos da sociedade atual machista remonta de mais de 200 anos atrás e entende que foi por meio de embasamentos de gênero e configuração biológica que o masculino acabou se sobrepondo ao feminino, gerando a total desordem de igualdade que até hoje permeia.

Assim, sobrevém do movimento feminista a preocupação em desfazer as tramas abstratas que sustentam a dominação dos homens sobre as mulheres enquanto prescritivas biológicas e essencialistas (TOMAZETTI; BRIGNOL, 2015, p. 03).

Contudo, é por causa do ato feminista dos dias atuais que muitas mulheres possuem maior visibilidade em relação à busca de seus direitos e a mídia foi uma das principais responsáveis por fazer as pessoas refletirem sobre a condição das mulheres na sociedade em relação aos homens:

O feminismo hoje pode ser entendido enquanto um movimento múltiplo, híbrido, globalmente disperso e culturalmente localizado. Em sua trajetória, percebemos a configuração de diferentes momentos e demandas de luta que incidem em configurá-lo enquanto uma vertente política e ideológica atenta às transformações estruturais e microespaciais da sociedade e da cultura (TOMAZETTI; BRIGNOL, 2015, p. 03).

O histórico do movimento é complexo e sua origem é turva até hoje. O termo em si foi criado por um sociólogo e filósofo francês Charles Fourier, em 1837, mas só passou a ser adotado de maneira que corroborasse com o termo atual por volta de 1895. O movimento feminista pode ser dividido em três ondas principais.

A primeira delas tem a data de início com o sufrágio feminino, movimento importante que ganhou força durante o século XIX e percorreu até meados do século XX o Reino Unido e os Estados Unidos, tendo como principal objetivo o direito ao voto. Segundo Costa (2005, p. 11), contudo, tratava-se de um “feminismo bem comportado”. No Brasil,

[...] as mulheres brasileiras incorporadas à produção social representavam uma parte significativa da força de trabalho empregada, ocupavam de forma cada vez mais crescente o trabalho na indústria, chegando a constituir a maioria da mão-de-obra empregada na indústria têxtil. Influenciadas pelas ideias anarquistas e socialistas trazidas pelos trabalhadores imigrantes espanhóis e italianos, já se podiam encontrar algumas mulheres incorporadas às lutas sindicais na defesa de melhores salários e condições de higiene e saúde no trabalho, além do combate às discriminações e abusos a que estavam submetidas por sua condição de gênero (COSTA, 2005, p. 11-12).

Mais tarde, ainda durante a primeira onda, o movimento passou a buscar poderes políticos:

O eixo que marcou esse primeiro período de atividade feminista foi a reivindicação por direitos iguais de cidadania (direito à educação, propriedades e posses de bens, divórcio, etc.), tendo como auge a luta sufragista pelo direito ao voto feminino, que aconteceu em diversos países no mundo. Seu surgimento pode ser lido como um sintoma de um cenário histórico específico. Enquanto movimento social é um fenômeno essencialmente moderno, relacionado ao contexto de profundas transformações no campo do trabalho, da cultura, do Estado e da vida nas cidades, que surgiram de forma efervescente na Europa após a Revolução Francesa e a Revolução Industrial (MARCELINO, 2018).

A segunda onda, inspirada pelo histórico de manifestações passadas e “em meio ao autoritarismo e à repressão dos regimes militares dominantes e das falsas democracias claramente autoritárias” (COSTA, 2005, p. 13), veio para reivindicar mais direitos sociais e econômicos, valores também solicitados durante a primeira onda.

Durante essa época, a filósofa francesa Simone de Beauvoir apresentou ao mundo, ainda machista, o clássico **O segundo sexo**, em 1949, que tratava de ideias marxistas e existencialistas e de questões do feminismo que expunham o sentimento de injustiça vivenciado por tantas mulheres.

O livro tornou-se um elemento especial do movimento feminista, tanto que, à época, sofreu várias tentativas de boicote por parte da igreja, tornando-se um livro proibido, além de causar escândalo na União Soviética.

Em suas páginas, Simone expunha como o machismo tomara conta do mundo através de afirmações infundais, oprimindo a mulher. A frase “Não se nasce mulher, torna-se mulher” tornou-se uma clássica afirmação contida em seu segundo volume no qual ela buscava

apontar o absurdo da afirmação que as mulheres nascem femininas e devem se ajustar ao que esse conceito manda.

Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade (BEAUVOIR, 1949, p. 361).

Como parte de um amplo movimento que buscava a articulação das lutas contra as formas de opressão das mulheres, no Brasil,

A partir da segunda metade dos anos 1970 a efervescência do movimento de mulheres foi marcada pela diversidade das agendas feministas, se proliferando por meio de grupos em várias cidades do Brasil, assumindo novas bandeiras, como a dos direitos reprodutivos, e do combate à violência contra a mulher e a sexualidade, temática que ganha espaço inclusive na mídia (GREGORI, 2017, p. 58).

A última onda feminista, a que se decorre até os dias de hoje, tem início em 1990, como reflexo aos problemas da segunda onda e das questões levantadas por ela. Aqui o movimento ganha novos ares e uma pluralidade mais extensa, tentando se afastar do essencialismo feminismo de mulheres brancas de classe média alta, abrindo as questões para as demais mulheres ainda sem fala e com pouco poder de argumentação e que, portanto, não tiveram suas vidas reveladas como as que faziam parte da classe padrão dos protestos anteriores.

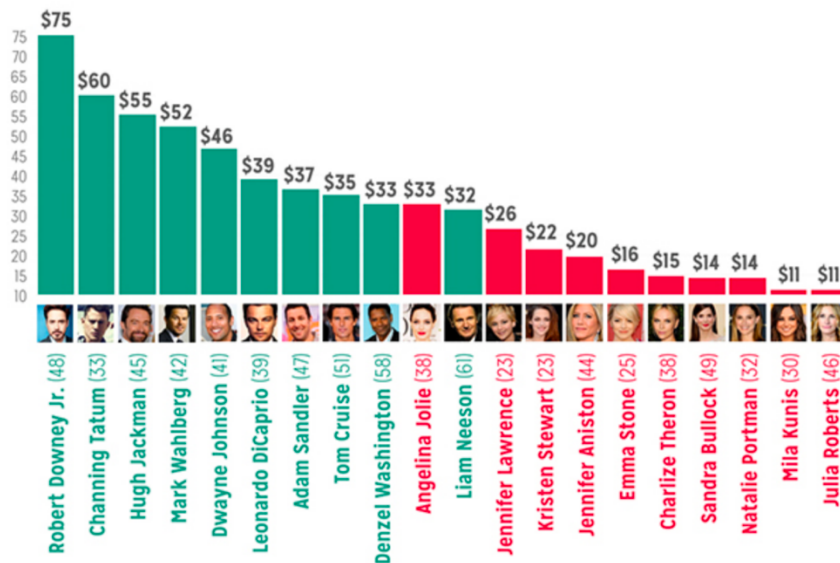
“Para atravessar essas intempéries, presentes mesmo no interior das próprias organizações feministas, a criatividade e a diversidade de formas torna-se uma parte fundamental, tanto do ponto de vista ético, como estético e de identidade política” (GREGORI, 2017, p. 63).

Com o surgimento do cinema, por sua vez, o mundo mudou drasticamente. A sétima arte tornou-se o epicentro de um estado de cultura e entretenimento totalmente novo e encantador. Porém, nem tudo que se passa por trás de tanta magia é belo, saudável e adequado.

Foram necessários anos de mudanças para que as telas compartilhassem igualdade de gênero e representatividade, que somente recentemente tem ganhado mais força. Foi por meio das recentes mudanças que movimentos contra o assédio verbal, moral e sexual, fora das câmeras, ganharam impulso, sendo as mulheres, as principais protagonistas desses movimentos, que não só tratam de casos de assédio, mas também de todo um histórico de diferenças, obstáculos e binariedade, impostos pela sociedade geral.

Para se ter uma ideia, segundo dados levantados pela revista **Moviement**, em 2016, quando o termo feminismo entrou em pauta severa, descobriu-se que o ator mais bem pago do mundo ganhava quase o triplo da atriz que encabeçava o *ranking*, demonstrando a clara falta de equilíbrio e igualdade quando se trata dos salários de homens e mulheres no cinema. O gráfico a seguir exemplifica a realidade exposta anteriormente.

Gráfico 1. Salários dos atores e das atrizes mais bem pagos em Hollywood em 2016.



Fonte: **Moviement** (on-line, 2019)

Esse é um dos motivos que fez o movimento Time's Up chocar tantas pessoas. Mesmo depois de muito tempo de lutas e de manifestações feministas, percebe-se que ainda não foi atingido o objetivo principal do movimento feminista: a igualdade entre homens e mulheres.

Um Oscar inteiro falando de racismo e da falta de negros naquele lugar mostra como em todo o mundo tem havido um despertar social, muito por causa do barulho que se faz na internet. O Feminismo faz parte desse movimento (PICOLOTTO, 2018).

O Time's Up, o MeToo, o HeforShe e os muitos outros que os antecederam são reflexos desse acúmulo de opiniões, que antes não tinham tanto espaço e visibilidade na mídia, mas que agora podem usufruir desses meios para lutarem por direitos e buscarem justiça, não só no ambiente artístico como em todos os outros ambientes que a vida oferece. Isso tudo torna o jornalismo um dos meios mais úteis e eficientes para tais manifestações. De acordo com o portal G1, "mais de 300 atrizes, roteiristas, diretoras, agentes e outras executivas da indústria do entretenimento fazem parte da iniciativa para enfrentar o assédio sexual generalizado em Hollywood" (2018).

Não só um acúmulo de opiniões, mas um sentimento de apoio latente se sentiu à medida que as mulheres famosas começaram a se abrir sobre a indústria da qual faziam parte. A atriz Emma Watson foi uma delas. Responsável pelo movimento #HerforShe, inaugurado em 2014, Emma buscava um apoio entre sexos em diversas aéreas, a fim de que homens e mulheres se ajudassem com a finalidade de encontrar um meio em que a igualdade ponderasse.

O alcance da igualdade de gênero requer uma abordagem inclusiva, que reconheça o papel fundamental de homens e meninos como parceiros dos direitos das mulheres e detentores de necessidades próprias baseadas na obtenção deste equilíbrio. O movimento ElesPorElas (HeForShe) convoca homens e meninos como parceiros igualitários na elaboração e implementação de uma visão comum da igualdade de gênero que beneficiará toda a humanidade (ONU MULHERES, 2014).

Emma Watson também foi uma das principais atrizes a promover o movimento Time's Up e até hoje participa de palestras e eventos para que a ideia permaneça fresca.

Segundo o portal de notícias **Vogue**, foram mais de 87 mulheres que falaram publicamente acerca dos casos, mas somente três delas foram tomadas como credíveis e investigadas. Além disso, Harvey Weinstein passou por diversos julgamentos e, atualmente, cumpre pena domiciliar, não sendo duramente punido, o que acabou por adicionar mais revolta aos movimentos feministas, cansados de uma impunidade causada pela falta de uma justiça forte.

Apesar de todos os progressos, não é segredo que demos alguns passos para trás. A 6 de outubro de 2018, Brett Kavanaugh foi confirmado ao Supremo Tribunal dos Estados Unidos da América. Um ano depois do dia em que o The New York Times expôs o caso de Weinstein, esta decisão mostrava que a estrutura patriarcal de poder nos Estados Unidos da América permanecia intacta. O próprio Weinstein continua em prisão domiciliar enquanto aguarda pelo julgamento, apesar de a CNN avançar que, devido a um conflito interno entre o Procurador do Ministério Público de Manhattan e o departamento policial de Nova Iorque, o caso de Weinstein pode nunca ver o seu desfecho (SETH, 2018).

O portal de notícias de moda foi um dos principais meios informativos durante esse processo de entendimento de tudo que ocorria em meio aos escândalos hollywoodianos. Em uma de suas mais vistas reportagens sobre o assunto, foram apresentadas diversas mulheres empoderadas que descreveram suas relações com os movimentos MeToo e Time's Up, algumas delas de países mais precários em relação à divulgação e ao apoio às vítimas do que os Estados Unidos, França e Reino Unido, países esses com maior destaque durante os acontecimentos.

Na ocasião, por exemplo, a ativista Phumzile Mlambo-Ngcuka trabalhou com vítimas de abusos na região da África. Como o país não tinha atores famosos que atraíssem a atenção

da mídia, o problema permanecia sem visibilidade. Phumzile utilizou, então, do momento de grande apelo midiático dos movimentos para apresentar as propostas que buscava alavancar dentro de seu próprio país.

Com a explosão noticiável que foram esses movimentos, mulheres e vítimas de assédio no meio cinematográfico abriram as portas para seus próprios movimentos pelo mundo. Isso explica o sucesso das hashtags #BalanceTonPorc, na França, #QuellaVoltaChe, na Itália, #YoTambien, em países de língua espanhola e #Ana_Kaman, no universo árabe. Toda essa explosão de novos movimentos foi fundamental para que o original #MeToo ganhasse uma pluralidade essencial, a partir do qual mulheres e vítimas do mundo todo se apoiassem, independentemente de religião, de língua e de cultura.

Por isso, quando movimentos como esse surgem, é papel fundamental do jornalista levar ao público a verdade dos fatos. Talvez isso explique porque o Time's Up se apoiou tanto na mídia, principalmente nos veículos de noticiabilidade, nos quais a sua visibilidade foi imensa.

Tais meios vieram a ser utilizados principalmente após as denúncias ganharem espaço na mídia. Foi a partir delas que os jornais, as revistas, as redes sociais e a internet se uniram à causa dos atores e atrizes que sofreram assédio verbal, moral ou sexual. Nesse contexto, o jornalismo pode influenciar e ajudar na divulgação e na formação de opiniões sobre uma causa humanitária e um movimento, antes não muito conhecido.

Os meios de comunicação são poderosos veículos para que a informação seja distribuída e, de certa forma, essa mesma informação pode chegar ao público dependendo de como o enunciador pretende apresentar. Por isso, no caso dos movimentos sociais, é de suma importância que todo desenvolvimento e apresentação de ideais tenha clareza, pois os movimentos precisam desse reconhecimento e força para que possam ganhar amplitude e, consequentemente, auxiliar na vida dos que foram impactados pelo assunto.

As redes sociais tiveram um grande impacto para os eventos pesquisados. #MeToo e Time's Up foram indicativas alavancadas pela internet, sendo a primeira tendo seu nascimento na rede social Twitter e, posteriormente, se espalhando pelo mundo de maneira muito rápida.

A atriz Alyssa Milano, principal responsável pelas primeiras acusações contra o magnata Harvey Weinstein, utilizou as redes sociais a seu favor. Para se ter ideia do poder que a internet apoiou nesse caso, foram 35 mil respostas ao *tweet* feito por Alyssa em um período de sete horas. Logo o termo e o tópico haviam se tornado *trending* e atingido mais de 85 países no mundo. Posteriormente, Alyssa usou o site **Vox**, em setembro de 2018, para comentar sua traumática experiência:

Demorei anos depois do meu ataque para contar sobre a experiência para meus amigos mais íntimos. Levei três décadas para dizer a meus pais que o abuso havia acontecido. Eu nunca fiz um boletim de ocorrência. Eu nunca falei para as autoridades. Nunca tentei encontrar justiça para minha dor, porque a justiça nunca foi uma opção¹.

O papel das redes sociais nessas ocasiões, então, é inquestionável. Com o avanço da tecnologia, tem sido fundamental que cliques e visualizações atuem como agregadores e dispersores de informação. Segundo o sociólogo Marcondes Lucena (2010), é graças à internet que informações ganham o mundo e se tornam imprescindíveis para movimentos sociais.

Não obstante, o questionamento ou análise a que nos propomos diz respeito ao uso da internet como ferramenta útil para tais movimentos sociais. Inicialmente a internet atendia apenas a alguns interesses específicos, particularmente comerciais. Visava-se, primeiramente, uma melhor articulação nas relações empresariais, com o aumento na velocidade das comunicações das informações e das transações capitalistas. Posteriormente, esta facilitação no processo das comunicações das informações expandiu-se para além dos interesses particulares das empresas. De modo que o uso da internet como ferramenta de pesquisa, isto é, acumuladora e transmissora de informações globalizadas, passou a generalizar-se, tornando-a sinônimo de informatização cada vez mais eficaz (LUCENA, 2010).

Não foi diferente nos casos dos movimentos MeToo e Time's Up que cresceram e se fortaleceram graças às redes sociais, e a atrizes que, possuindo grande destaque nessas mídias, compartilharam suas experiências e indignações acerca do tema.

Mais tarde, premiações, como o Oscar e o Emmy, viram nesses movimentos uma oportunidade de fala significativa em seus eventos, além de que pelo tema estar em alta, as premiações, se caso envolvidas, estariam também.

O mais importante disso tudo é que, ao articular o olhar para realizar uma análise sobre determinado assunto, o indivíduo pode aprender a escutar perspectivas distintas por meio dos textos jornalísticos e reelaborar a sua própria, unindo fragmentos temáticos que se constituem mais tarde como partes de um mesmo todo (SODRÉ, 2009).

O movimento Time's Up, que teve início no Globo de Ouro, de 2018, no qual artistas famosas utilizaram de vestes de cor preta para protestar contra os casos recorrentes, obteve um grande impacto no meio midiático. Embora durante o Oscar, o movimento tenha se manifestado de forma mais discreta, também pôde ser sentido. Na ocasião, alguns famosos

¹ Trecho traduzido pelo pesquisador. Texto original: It took me years after my assault to voice the experience to my closest friends. It took me three decades to tell my parents that the assault had even happened. I never filed a police report. I never told officials. I never tried to find justice for my pain because justice was never an option.

usaram broches com o símbolo de apoio, enquanto artistas mais envolvidas na gestão optaram por discursos motivacionais.

Entretanto, não foi somente em Hollywood que artistas se mobilizaram contra o assédio verbal, moral ou sexual. Durante a premiação francesa, o César, algumas atrizes decidiram lançar apoio ao movimento Time's Up por meio do codinome #MaintenantOnAgit, defendendo homens e mulheres que sofreram assédio, contrapondo-se a 99 atrizes que disseram, anteriormente, que os homens tinham o direito de importunar as mulheres, o que causou muita polêmica em tempos desse tema recorrente.

Destaque deve ser dado, também, ao movimento MeToo, criado em 2007, quando os primeiros casos de assédio foram noticiados. Foi após o escândalo que envolveu Harvey Weinstein, produtor cinematográfico estadunidense, que as atrizes famosas ganharam força para tornar públicas suas situações constrangedoras pelas quais, infelizmente, passaram. Entre os nomes que denunciaram Weinstein, estão: Ashley Judd, Jessica Barth, Katherine Kendall, Rose McGowan, Florence Darel, Judith Godreche, Emma de Caunes, Alice Evans e Lysette Anthony, Angelina Jolie, Gwyneth Paltrow, Cara Delevingne e Lea Seydoux. Com isso, segue-se para entender o intuito dos meios jornalísticos em transmitir tais históricos acontecimentos.

Em sua grande maioria, os veículos noticiaram o movimento Time's Up e os casos de assédio de maneira apoiadora, a favor das denúncias e, de certa forma, tornando tal evento um dos grandes marcos do cinema e do entretenimento, já que outras artistas também utilizaram do meio para se expressar.

Nesse contexto, os veículos de noticiabilidade foram fundamentais em diversos sentidos, principalmente no quesito de manifestação do movimento, que acabou alcançando muitas pessoas.

O papel fundamental da imprensa, porém, acompanha dúvidas acerca de seus interesses e o quão satisfatório suas reproduções sobre certo assunto tratado aponham-se em critérios noticiáveis.

Os critérios de noticiabilidade, no caso, são pontos em que o jornalista aprecia certo tópico e aponta ou não se ele é utilizável como notícia. Traquina (2008, p. 63) explica que os critérios de noticiabilidade representam:

O conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo 'valor-notícia'.

Ainda segundo Traquina, existem dez essenciais critérios de noticiabilidade. Contudo, para essa pesquisa, serão utilizados somente seis deles, no caso, aqueles que se aderem ao tema e às matérias analisadas.

O primeiro critério será a notoriedade, a qual prega que a personagem e seu meio de influência é fator noticiável por si só. O segundo critério é a relevância, já que o importante é informar o público dos acontecimentos que são fundamentais ou que teriam impacto sobre a vida cotidiana. O terceiro critério é a novidade, pois novidades e atualizações sobre um tema muito tratado funcionam como notícias. O quarto critério é a notabilidade. Números, quantidades grandiosas e eventos impactantes servem como um critério noticiável, gerando, frequentemente, certo interesse no público. O quinto critério é o inesperado. Algo inesperado ou não planejado pode chamar a atenção do público, como ocorreu com os protestos durante as premiações, principalmente no Oscar. Por fim, o sexto critério é a infração ou escândalo. O escândalo que envolveu Harvey Weinstein, por si só, já exemplifica o critério.

Em relação à primeira notícia selecionada por esta pesquisa, de **O Globo**, intitulada “Atrizes do movimento ‘Time’s up’ fazem discurso contra assédio e a favor da igualdade”, de 05/03/2018, é possível visualizar os critérios notoriedade, relevância, inesperado e, principalmente, infração/escândalo, contudo, a publicação é muito superficial e não aparenta preocupação real com a causa exposta pelas atrizes.

O ocorrido é narrado de forma sucinta. O que se pode ler é uma notícia que basicamente descreve a ida ao palco do Dolby Theatre, em Los Angeles, das atrizes Annabella Sciorra, Salma Hayek e Ashley Judd. O texto explica que a situação se efetivou durante a cerimônia de entrega do Oscar e que as celebridades tinham como objetivo falar em nome do movimento Time’s up.

A publicação limita-se a explicar apenas que o movimento “dá assistência legal às mulheres para prevenir o assédio sexual e o desequilíbrio de gênero no ambiente de trabalho” (O GLOBO, 2018). O leitor também entra em contato com a informação de que todas essas atrizes acusaram o produtor Harvey Weinstein de assédio em diferentes reportagens e artigos para o jornal **The New York Times**, entre outubro e dezembro de 2017.

Para complementar a notícia, o portal optou, ainda, por transcrever trechos das falas das atrizes, talvez para tornar a notícia mais atrativa. Curioso, ainda, é o fato de **O Globo** ter optado por chamar as atrizes de “acusadoras de Weinstein” ao término do texto.

Claramente, há uma falta de busca pelo interesse em informar. Os fatos apresentados são superficiais e não argumentam com um histórico mais completo, como era de se esperar, já que alguém sem conhecimento no assunto - sendo esse seu primeiro contato com o tema -, ficaria à margem da situação e, conseqüentemente, poderia descartar a busca por saber

mais sobre o assunto e entendê-lo. Um assunto como abuso sexual merece muito mais atenção e cuidado.

A segunda matéria, de 19/01/2018, do portal **UOL**, escolhida por esta pesquisa intitula-se “MeToo e Time’s Up: entenda as iniciativas de Hollywood contra o assédio”. Diferentemente da primeira analisada, esta publicação tem grande preocupação com a temática do abuso sexual e com a exposição dos movimentos que lutam contra o assédio no cinema. Aqui os critérios de noticiabilidade são: notoriedade, infração/escândalo, novidade, notabilidade, inesperado, mas, principalmente, relevância.

Primeiramente, é importante destacar que o portal **Uol** teve um cuidado maior quando apresentou as informações sobre o ocorrido.

De primeira vista, já se pode perceber o interesse em informar o leitor, apresentando o impacto fornecido pelos movimentos e pelas graves denúncias, envolvendo o magnata Harvey Weinstein.

Hollywood nunca mais foi a mesma depois do dia 5 de outubro, quando vieram a público as graves denúncias de assédio sexual contra o produtor Harvey Weinstein, um dos magnatas da indústria cinematográfica. Em algo inédito, atrizes (e atores) do primeiro escalão se abriram para falar sobre os problemas de discriminação e violência sexual dentro do cinema e da TV, descortinando uma faceta sombria de um mundo glamoroso, que envolvia abuso de poder, assédio, estupro e ameaças de ostracismo (UOL, 2015).

O texto, além de qualificar as denúncias contra Weinstein por meio do adjetivo “graves” e de enaltecer os movimentos #MeToo e Time’s Up com o vocábulo “importantes”, é construído por meio de inteligentes escolhas semânticas, como em “descortinando uma faceta sombria de um mundo glamoroso”.

Ademais, conforme o texto é percorrido, uma grande variedade de informações é apresentada, trazendo um histórico bem completo e fundamental, oferecendo maior credibilidade ao que se é discutido, além de apresentar os demais projetos e movimentos que ganharam notoriedade e que buscam oferecer apoio às mulheres em várias situações. Em função disso, pode-se dizer que o texto é extremamente didático e educativo.

Diferentemente da primeira notícia analisada que apenas explica que tais movimentos oferecem “assistência legal às mulheres para prevenir assédio sexual e desequilíbrio de gênero no ambiente de trabalho” (O GLOBO, 2018), a publicação do **Uol** prima pelo cuidado ao informar o histórico dos movimentos, os nomes das fundadoras e seus objetivos. Sobre o #MeToo, o *site* informa que:

O movimento foi criado pela norte-americana Tanara Burke em 2007, muito antes de virar hashtag nas redes sociais. Burke, que também é a fundadora da Just Be Inc, uma ONG voltada a promover o bem-estar de garotas negras

e de outras minorias, deu início ao movimento para apoiar vítimas de abuso sexual, agressão e assédio em comunidades pouco privilegiadas, que geralmente têm pouco acesso a auxílio médico e social - seguindo a ideia do “empoderamento através da empatia”.

Como hashtag, o #MeToo viralizou pouco após as denúncias contra Weinstein virem à tona. O termo ganhou força após a atriz Alyssa Milano publicar em seu Twitter uma mensagem pedindo às vítimas de assédio e abuso que escrevessem “me too”, para dar às outras pessoas uma noção da magnitude do problema.

Debra Messing, Lady Gaga, Evan Rachel Wood, Gabrielle Union, Bjork, Patricia Arquette e outras famosas adotaram a hashtag, e outras como Jennifer Lawrence e Reese Witherspoon revelaram suas experiências publicamente em seguida (UOL, 2018).

Sobre o Time’s Up, por sua vez, lê-se que:

Tendo em vista a grande repercussão das acusações e das denúncias que derrubaram poderosos de Hollywood como Kevin Spacey, Brett Ratner e Bryan Singer, um grupo de atrizes, executivas e outras funcionárias da indústria resolveram lançar, no primeiro dia de ano, uma iniciativa concreta para combater casos de violência sexual e discriminação de gênero no ambiente de trabalho.

O projeto conta com o apoio de mulheres como Emma Stone, Natalie Portman, Shonda Rhimes, Eva Longoria, Reese Witherspoon, Emma Watson, Jessica Chastain e Nicole Kidman, entre outras. Foi dentro dele que surgiu a ideia do protesto do último Globo de Ouro, quando as mulheres foram vestidas de preto e muitos homens usaram broches apoiando a o movimento.

Entre os objetivos da iniciativa, estão:

- Criar de um fundo de defesa legal voltado a auxiliar mulheres que sofreram assédio sexual e/ou sofreram retaliação ao denunciá-los.
- Propor leis para penalizar empresas tolerantes ao assédio persistente e desencorajar o uso de acordos de silêncio de vítimas.
- Estimular o aumento do o número de mulheres em cargos de liderança. É possível fazer doações ou comprar uma camiseta para apoiar o fundo de defesa do Time’s Up (UOL, 2018).

Tais textos comprovam a preocupação real em caracterizar os movimentos como algo de grande valia e importância para a sociedade atual que começa a entrar em contato com tantas situações inadmissíveis quanto as que envolvem as denúncias de assédio contra Weinstein. Destaque também deve ser dado para o fato de a publicação tratar dos movimentos predecessores Ask Her More e He For She:

Ask Her More (pergunte mais a ela)

O primeiro chacoalhão na temporada de prêmios hollywoodianos aconteceu em 2015, quando as atrizes aderiram à campanha criada por Jennifer Siebel Newson, cineasta e fundadora da ONG The Representation Project, que analisa a forma como as mulheres são representadas na mídia.

A Ask Her More tinha um objetivo simples: pedir que a cobertura dos tradicionais tapetes vermelhos das premiações fosse além da pergunta “o que você está vestindo hoje?” Atrizes como Cate Blanchett e Julianne Moore

já vinham expressando seu descontentamento com isso, e a campanha foi abraçada por suas colegas.

“Há tantas indicadas incríveis e talentosas esse ano! Vamos ouvir as histórias delas”, pediu na época Reese Whitterspoon, que tem sido uma das principais articuladoras do Time’s Up.

He For She (ele por ela)

Embaixadora da Boa Vontade da ONU Mulheres, Emma Watson lançou em 2014 o slogan que foi recebido de braços abertos pela indústria cinematográfica.

A campanha, idealizada pela ONU, pedia a homens e garotos que se engajassem na luta pela igualdade de gênero. E vários famosos apoiaram a ideia, como Jared Leto, Harry Styles, Matthew Lewis, Tom Hiddleston, Russell Crowe, Simon Pegg e Joseph Gordon Levitt (UOL, 2018).

A matéria traz também imagens ilustrativas que se relacionam ao restante do texto e agregam ainda mais informação ao escrito. Ademais, ressalta-se que o veículo optou por abordar o tema em tópicos, deixando a escrita mais visual e didática, aproximando-se de um decalque mais semelhante às matérias trazidas pela revista Vogue brasileira, que também teve papel fundamental no fluxo de informações sobre o assunto.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aparentemente, o movimento feminista tem estado em alta na mídia. Contudo, quando se investiga a fundo os textos e as notícias que tratam do tema, vê-se que, frequentemente e infelizmente, muitas vezes, as informações são transmitidas de forma rápida e superficial.

No caso das denúncias que envolveram o produtor Harvey Weinstein, um dos magnatas da indústria cinematográfica, pode-se perceber que na época do escândalo muitos veículos abordaram o tema, mas de forma extremamente superficial, como visto na notícia do portal **O Globo**, selecionada por esta pesquisa. Um breve relato do ocorrido e falta de informação caracterizam esses textos.

Felizmente, diferentemente na publicação do Portal **Uol**, vê-se uma preocupação em informar os leitores sobre o histórico dos movimentos, os nomes das fundadoras e seus objetivos. Não bastava para este veículo informar o fato. Em função da importância da temática que envolve os abusos sexuais, a leitura foi construída para sensibilizar o leitor de que tais situações não podem mais ocorrer e necessitam ser punidas.

A linguagem utilizada para transmitir atualizações sobre o caso em que o movimento Time’s Up estava envolvido denota seriedade e, de forma geral, busca deixar o leitor a par do contexto em que as denúncias contra Weinstein ocorreram.

Estamos longe do ideal quando pensamos em discutir e disseminar informações sobre a temática do abuso e do assédio sexual, mas não podemos nos esquecer de que até bem pouco tempo atrás denúncias nem eram feitas e a maioria das mulheres tinha medo de expor suas experiências traumáticas.

Movimentos sociais feministas sempre terão grande impacto na vida de mulheres vítimas de abuso e assédio sexual. Eles são imprescindíveis, mas a sua divulgação será sempre igualmente indispensável e a publicação de notícias sobre as ações desses movimentos e suas conquistas merecem textos sérios e responsáveis com a informação. Por isso, a mídia se faz tão importante nesses casos. Divulgar as informações corretas de uma causa e igualmente lutar por ela.

4. REFERÊNCIAS

BBC BRASIL. **Quem são as atrizes que acusam Harvey Weinstein de assédio - e até estupro**. 20/10/2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/geral-41601385>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 3. ed. France: Nova Fronteira, 1949.

BUSCH, Anita. Time's Up: First 60 Days \$21M Raised, 1,700 Women Come Forth From Over 60 Industries. **Deadline**. 1o./03/2018. Disponível em: <<http://deadline.com/2018/03/times-up-first-60-days-21-million-dollar-raised-1700-women-over-60-industries-1202307795/>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

BITTONI, Dulcília. **A mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina. 2.ed. São Paulo: Summus, 2009.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil**: século XIX. Belo Horizonte, Autêntica, 2016. Disponível em: <<http://mackenzie.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788582178454/pages/-2>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

G1. Oscar 2018: atores usam broche do Time's Up, movimento contra o assédio sexual em Hollywood. **Globo.com**. 04/03/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/oscar/2018/noticia/oscar-2018-atores-usam-broche-do-times-up-movimento-contra-o-assedio-sexual-em-hollywood.ghtml>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

GREGORI, Juciane de. Feminismos e resistência: trajetória histórica da luta política para conquista de direitos. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia-MG, v. 30, n. 2 - jul./dez. 2017.

HEYWOOD, Andrew. **Ideologias políticas**: do feminismo ao multiculturalismo. 1. Ed. São Paulo: Ática, 2010. Disponível em: <http://mackenzie.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788508133857/pages/_1>. Acesso em: 28 fev. 2018.

LUCENA, Marcondes. **A Internet e os Movimentos Sociais**. 2010. Disponível em: <<https://marcondeslucena.wordpress.com/universidade/internet-movimentossociais/>>. Acesso em: 26 jul. 2019.

MARCELINO, Giovanna. As sufragistas e a primeira onda do feminismo. **Movimento**: crítica, teoria e ação. 09/02/2018. Disponível em: <<https://movimentorevista.com.br/2018/02/3801/>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

MILANO, Alyssa. Alyssa Milano: I was sexually assaulted as a teen. Here's why I didn't report. **Vox**. 23/09/2018. Disponível em: <<https://www.vox.com/first-person/2018/9/23/17890700/brett-kavanaugh-alyssa-milano-assault-allegations-why-i-didnt-report>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

O GLOBO. **Atrizes do movimento Time's up fazem discurso contra assédio e a favor da igualdade**. 05/03/2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/atrizes-do-movimento-times-up-fazem-discurso-contr-assedio-a-favor-da-igualdade-22455927>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

OLIVEIRA, Sílvia Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica**: Projetos de Pesquisa. São Paulo: Pioneira, 1997.

ONU MULHERES. **ElesporElas**: Movimento ElesPorElas (HeForShe) de Solidariedade da ONU Mulheres pela Igualdade de Gênero. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/elesporelas/>>. Acesso em: 13 jun. 2019.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini. **Metodologia da pesquisa**: Abordagem teórico-prática. Campinas: Papirus, 1997.

PICOLOTTO, Elvis. Feminismo e cinema: Sofia Coppola une forma e conteúdo para dar voz ao universo misterioso do feminino. **Moviemment**. 15/10/2016. Disponível em: <<https://revistamoviemment.net/feminismo-e-cinema-3f0e4a4b2850>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

REUTERS. Atrizes francesas lançam seu próprio movimento "Time's Up" para ajudar vítimas de assédio sexual. **O globo**. 28/02/2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/atrizes-francesas-lancam-seu-proprio-movimento-times-up-para-ajudar-vitimas-de-assedio-sexual-22440893>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

SETH, Radhika. **Um ano depois, o impacto de #MeToo e Time's Up**. 2019. Disponível em: <<https://www.vogue.pt/times-up-me-too-harvey-weinstein>>. Acesso em: 13 jun. 2019.

SODRÉ, Muniz. **A Narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOMMA, Bruna. **Na internet, feminismo achou campo fértil para semear seus ideais**. Yahoo. 08/03/2018. Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/na-internet-feminismo-achou-campo-fertil-para-semear-seus-ideais-134313048.html>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

STREY, Marlene Neves; CÚNICO, Sabrina Daiana. **Teorias de gênero**: feminismos e transgressão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. Disponível em: <<http://mackenzie.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788539708550>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

TOMAZETTI, Tainan; BRIGNOL, Liliane. **O feminismo contemporâneo a (re)configuração de um terreno comunicativo para as políticas de gênero na era digital**. 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro->

2015/historia-da-midia-digital/o-feminismo-contemporaneo-a-re-configuracao-de-um-terreno-comunicativo-para-as-politicas-de-genero-na-era-digital/view>. Acesso em: 16 mar. 2018.

TORRES, Rodrigo. Time's Up inicia auxílio a mulheres após 2 meses de lançamento. **Adoro cinema**. 05/03/2018. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-138362/>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2008.

UOL. **#MeToo e Time's Up**: entenda as iniciativas de Hollywood contra o assédio. 19/01/2018. Disponível em: <<https://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2018/01/19/metoo-e-times-up-entenda-as-iniciativas-da-hollywood-contra-o-assedio.htm>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

Contatos: rodrigo.loturco@hotmail.com e valeria.martins@mackenzie.br